

Projeto: Entre a casa, as ruas e as instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da produção acadêmica sobre acolhimento institucional para crianças e adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – ARPINI, Dorian Mônica. Repensando a Perspectiva Institucional e a Intervenção em Abrigos para Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21, 70-75, 2003.

2) Resumo e Palavras-chave – O trabalho faz uma reflexão sobre a realidade institucional de abrigo para crianças e adolescentes, mostrando, através do discurso de adolescentes, como os mesmos a representam, bem como a importância de repensar, recuperar e investir no universo institucional superando os estigmas que acompanham a realidade das instituições como lugar do “fracasso”, permitindo que a mesma seja vista como um local de possibilidades, de acolhimento, de afeto e proteção, objetivo, aliás, que determinou sua origem. Dentro dessa perspectiva, o texto enfatiza a importância da intervenção da Psicologia nas instituições, auxiliando as mesmas através de um trabalho de assessoria no enfrentamento dos preconceitos, dificuldades e conflitos que caracterizam seu funcionamento.

Palavras-chave: instituições de abrigo; crianças e adolescentes; intervenção.

3) Objetivo do estudo – O trabalho faz uma reflexão sobre a realidade institucional de abrigo para crianças e adolescentes, mostrando, através do discurso de adolescentes, como os mesmos a representam, bem como a importância de repensar, recuperar e investir no universo institucional superando os estigmas que acompanham a realidade das instituições como lugar do “fracasso”, permitindo que a mesma seja vista como um local de possibilidades, de acolhimento, de afeto e proteção, objetivo, aliás, que determinou sua origem.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa - Este artigo é parte das reflexões produzidas no trabalho desenvolvido na tese de doutorado intitulada: “Sonhar a Gente Sonha”: Representações de Sofrimento e Exclusão em Adolescentes em Situação de Risco, defendida em maio de 2001 na PUC/São Paulo.

6) Forma de coleta de dados – Realização de histórias de vida com adolescentes que integraram os projetos de extensão (“Meninos no Campus” e “Meninas na UFSM”), na Universidade Federal de Santa Maria. A decisão de que os sujeitos de nossa pesquisa de doutorado pertencessem aos projetos acima referidos foi baseada no fato de que já os conhecíamos em nossa prática de trabalho, a qual nos tinha permitido construir um vínculo significativo com eles e uma relação de confiança que nos parece ser uma condição importante para a realização de histórias de vida.



7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Não identificado.

8) Resultados / dados produzidos – O discurso dos adolescentes evidencia a presença das instituições de abrigo nas suas histórias de vida, seja porque aí viveram parte de sua infância ou adolescência, seja porque seus irmãos, amigos ou conhecidos lá viveram, ou, ainda, por terem sofrido a ameaça constante de virem a integrar esse universo. A instituição de abrigo está muito presente em seu cotidiano, fato que se comprova quando dizem que foi nas instituições que se sentiram protegidos da violência em que viviam, de modo que, mesmo não sendo desejada, quando entra em suas vidas a instituição não tem a força negativa e destrutiva que marcava as instituições mais tradicionais. O discurso dos adolescentes revela justamente o oposto, evidenciando que estes guardam lembranças do período vivido em instituições que muitas vezes são menos traumáticas e dolorosas do que aquelas relativas à vivência familiar. Embora eles saibam que a instituição é geralmente um lugar de passagem, como já pudemos observar anteriormente em seu discurso, ela tem possibilitado que eles sejam retirados da violência e do abandono em que viviam, oferecendo-lhes um local de maior tranquilidade e apoio, até que suas vidas sejam reestruturadas. É importante salientar que, como suas histórias de vida foram extremamente violentas, isso contribui para que a instituição seja vista como menos ameaçadora. Porém, é preciso evidenciar que nos referimos aqui a instituições já remodeladas pelo estatuto e que, portanto, já não apresentam as características mais penosas das tradicionais casas de abrigo de menores, as tão conhecidas “instituições totais” estudadas por Goffman (1974). São, portanto, instituições mais abertas, com uma clientela mais definida, menores, com espaço para respeitar e manter a individualidade, que têm caráter temporário e, portanto, que não objetivam a permanência por um período muito longo, ficando dentro das determinações de abrigamento referidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Essa renovação, no entanto, não garante que alguns dos vícios, abusos e violências característicos das instituições totais não tendam a se reproduzir no novo modelo. No entanto, a instituição muitas vezes se apresenta (mesmo que temporariamente) como a melhor alternativa para um grande grupo de crianças e adolescentes, o que determina a necessidade de um comprometimento ainda maior em suas ações, pois esse é o único caminho para a superação dos trágicos estereótipos de sua história. A Febem, devido a seu forte estigma social, é sempre a instituição mais temida, sendo associada, pelos adolescentes, a faltas graves; assim, funciona sempre como uma “ameaça”, como a punição extrema que podem vir a sofrer. Marcados pela situação de risco, que os caracteriza, eles convivem com a possibilidade de terminar numa Febem, o que para eles seria a pior situação, “o fundo do poço.” Quando falam de algum conhecido que vive nessa instituição, a ele se referem como alguém que está “ralado”. Existe, entre eles, sempre a referência a um amigo, colega, namorado ou parente que está ou esteve ali institucionalizado. A passagem por uma instituição de abrigo, por outro lado, representa marca dolorosa na vida desses jovens, pois as situações que os levam à institucionalização são sempre muito duras, fazendo com que convivam com experiências muito dramáticas.

A isso se soma, ainda, a saída da vida familiar, que os leva, em virtude do distanciamento criado, a refletir sobre o que significou sua vida e o que representa sua família. Muitos sabem que a entrada em instituições pode representar o corte definitivo com sua família, e, embora esta seja marcada pela violência, a possibilidade de ficarem sozinhos é também muito assustadora, como nos revela uma das adolescentes, cujo pai foi destituído do pátrio poder e cuja mãe nunca foi por ela conhecida: “eu não tenho ninguém” (adolescente A, sexo feminino, 16 anos). Ser visto como um adolescente que vive em uma Instituição de abrigo é ainda um forte estigma social e, sobretudo, uma marca muito forte que eles passam a carregar, pois as pessoas, via de regra, julgam que uma criança ou adolescente institucionalizado carrega algum problema em sua “bagagem”. O preconceito se funda na idéia de que eles não podem ser pessoas “normais”, de que devem ter falhado em algo em sua história, que são em alguma medida responsáveis por sua situação e pela idéia de marginalidade que os acompanha. E é justamente dessa forma que eles são percebidos; na verdade não se considera que o que os levou à instituição não foi uma ação cometida por eles, senão o resultado de uma violência estrutural em nossa sociedade ou do abandono e violência praticados por suas famílias. Isso ilustra muito bem o fenômeno dos “preconceitos instituídos” aos quais nos referimos anteriormente, pois o imaginário construído em torno dessa população é muito forte e determina a perspectiva preconceituosa com que o grupo é tratado, a qual consiste num resultado direto dessa representação socialmente instituída. Há ainda a tendência em não discriminar as situações que levam um adolescente à Febem por motivo de infração ou a uma instituição de abrigo, em função de situações de abandono, maus tratos, miséria etc, estigmatizando-se, da mesma maneira, o que se evidencia nas próprias relações entre eles. Em certa ocasião, quando retornavam de um passeio realizado pelo projeto Meninos e Meninas na UFSM, já referidos anteriormente, alguns adolescentes, quando perceberam que as meninas eram conduzidas à Casa Abrigo, assim se referiram à situação: “não sabíamos que elas eram da Febem”. Através dessa fala, percebemos a conotação negativa, bem como a surpresa que acompanharam a constatação do vínculo das meninas com a Febem. Vimos, também, que as instituições com esse caráter ainda mantêm muitos preconceitos em relação a essa população, desqualificando-os e desvalorizando-os, o que explicita a dificuldade em entender o significado de toda essa infância vivida e as dificuldades decorrentes do abandono, da ausência de modelos identificatórios positivos, entre outros aspectos, o que leva à construção de uma relação nem sempre satisfatória. Portanto, se, por um lado, há uma representação mais positiva em relação ao espaço institucional, como nos mostram os adolescentes, por outro, permanece uma representação social que estigmatiza as pessoas que compõem esse universo.

9) Recomendações – é preciso construir um “novo olhar” sobre a realidade institucional: talvez esse olhar possa trazer a esperança de recuperar o funcionamento falido dessas instituições, que, em sua essência, já se originaram para tratar de uma questão que se acreditava sem solução. Se pudermos pensá-la não apenas como depósito do “lixo” social, talvez possamos realmente construir dentro dela uma nova possibilidade e, a partir daí, dar um real sentido à sua existência, permitindo que cada criança ou adolescente que venha a integrar esse universo tenha a possibilidade de encontrar aí um “olhar”, um “lugar” de construção de desejos e possibilidade.

Se acreditarmos que as relações são resultado de construções afetivas, onde ser compreendido, ser aceito, ser respeitado, ser amado é a base necessária para um percurso satisfatório, então poderemos pensar a instituição de uma forma diferente, tornando-a uma alternativa viável para a construção de sujeitos. Acreditamos que isso se dará através da recuperação da solidariedade e da construção de laços afetivos, o que é, em última instância, o alicerce de nossa subjetividade.

10) Observações e destaques – E nessa perspectiva de construir um "novo olhar" sobre a realidade institucional, conforme acima já discutido, a autora informa no artigo que está dando continuidade ao trabalho, realizando assessoria às instituições que atendem crianças e adolescentes em Santa Maria, buscando superar os aspectos que parecem repetir as experiências e vivências tão sofridas das crianças e adolescentes que integram esse universo. Dessa forma, prioriza as equipes internas, trabalhando as dificuldades em relação ao universo com o qual se defrontam, os sentimentos que emergem do contato com essa realidade. Em relação aos adolescentes, busca trabalhar a experiência da vivência institucional e seus projetos em relação ao futuro e às instituições de maneira geral, no sentido de superar a história tão pesada que esse universo carrega e que tende "naturalmente" a se reproduzir. Em relação às famílias, parece importante construir uma relação mais estreita entre a instituição e a família, auxiliando o processo de reintegração das crianças e adolescentes no universo familiar, assim como o contato com a família amplia o conhecimento das crianças e adolescentes e permite a reconstrução de sua história por parte da instituição.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.